

A FILOSOFIA DO ESPÍRITO LIVRE EM NIETZSCHE: TENSÕES. RUPTURAS E INOVAÇÕES.

AUTOR: DANIEL DE ALVARENGA BERBARE¹; ORIENTADOR: CLADEMIR LUÍS ARALDI²

1. INTRODUÇÃO

Este presente trabalho visa analisar o conceito de espírito livre desde Humano Demasiado Humano até Além do Bem e do Mal. Sendo assim, o objetivo geral do estudo será investigar como o filósofo caracteriza e conceitua o espírito livre. Já os objetivos específicos são: analisar as diversas elaborações do espírito livre na obra nietzschiana; verificar, *en passant*, as formulações de tipos superiores de homens e demonstrar a diferença dos livres pensadores para os espíritos livres e qual a relação do espírito livre e a morte de Deus?

O problema central concerne à concepção do espírito livre em Nietzsche e como este se relaciona com a morte de Deus. Buscando-se investigar quais são as diferentes formulações do espírito livre presentes pensamento nietzschiano? Para tal feito, abordaremos, em especial, os aforismos presentes no prefácio tardio de 1886 escrito para a obra Humano Demasiado Humano e o capítulo segundo da obra Além do Bem e do Mal, a saber: O espírito Livre.

Podemos observar, no horizonte nietzschiano, sempre a busca por uma formulação de um tipo superior de homem. Nietzsche desde a sua juventude busca elaborar uma concepção de um homem raro, que foge a regra, uma exceção. Já na juventude, em sua obra Nascimento da Tragédia, o artista era visto como um tipo superior de homem. Ele era aquele “capaz de triunfar dos sofrimentos inerentes à vida e ao mundo (ARALDI, 2004)”.

Embora a formulação mais aprofundada sobre o espírito livre só ocorra no período tardio da filosofia nietzschiana, onde a mesma passa a existir com um sentido e características próprias, a terminologia já aparece em “O Nascimento da tragédia”. Onde o espírito livre é tratado em relação ao âmbito cultural, bem como em relação à tradição, neste sentido, é analisada não só a tragédia, mas também os pensadores de sua época, como Goethe e Schiller, devido as suas posições referentes aos ideais artísticos.

Na obra: “Considerações Extemporâneas”, encontra-se a formulação de um tipo de homem superior, como o gênio filosófico, que reúne três figuras: o filósofo, o artista e o santo. A construção deste gênio filosófico é uma tarefa não só dos pensadores, mas sim de toda humanidade, como entende Nietzsche.

Logo após, o gênio é substituído pela figura do espírito livre, sendo o último aquele que vive para o conhecimento, mesmo que tenha que padecer com o sofrimento da veracidade. Em Humano Demasiado Humano é que ocorre essa

1 Universidade Federal de Pelotas – danpinda@hotmail.com

2 Prof Dr – Universidade Federal de Pelotas - clademir.araldi@gmail.com

ruptura decisiva, conforme abordamos superficialmente acima. “Nietzsche se apercebe, contudo, que o ‘heroísmo da veracidade’, que ele projetou em Schopenhauer, não condiz mais com a filosofia do seu mestre (ARALDI, 2004)”. O espírito deve romper com o pessimismo romântico para alcançar a sua liberdade, neste sentido a desvinculação com o tipo de homem superior representado pelo gênio, filósofo e santo (pessimista) deve ser efetualizada. Nietzsche considera Voltaire como um espírito livre, um dos maiores libertadores do espírito, na obra: Humano Demasiado Humano, que tem como subtítulo: “Um livro para espíritos livres”, seus antigos mestres Wagner e Schopenhauer, são considerados espíritos aprisionados.

A terminologia utilizada para denominar o espírito livre só deixa de ser *Freigeist* e passa a ser *der freie Geist*, em Além do Bem e do Mal. Vale lembrar que Nietzsche além de filósofo, também é filólogo, assim a mudança da terminologia tem uma importante relevância em seus escritos, representando uma guinada na sua concepção conceitual.

Nietzsche expressa, contudo, mediante o espírito livre, não só o desprendimento da crítica da tradição, mas também a tentativa de construir um novo tipo de homem, tentativa essa que está intimamente ligada a trajetória singular de seu pensamento e vida. (ARALDI, 2004)

O espírito livre encontra, também, seu livramento, com a morte divina. Morte esta, já anunciada nos aforismos 125 e 343 da Gaia Ciência e posteriormente desenvolvida em Assim Falou Zaratustra. O livramento ocorre, pois, os valores se norteavam por uma verdade suprassensível, deste modo, como a retirada do solo onde os alicerces celestiais sustentavam-se e com a constatação do óbito divino, o homem pode cair em uma das suas piores crises, a crise da falta sentido, de uma verdade, de uma finalidade, enfim, no niilismo. Cito: “Deus está morto, vivo está o homem, sua vontade e seu desejo (BECKEMKAMP, 2005)”.

O espírito livre é, então, aquele que se encontra livre do peso da tradição, da velha metafísica dualista, e da moral de rebanho. Ele é um tipo raro, uma exceção à regra. Já o tipo: homem comum é o espírito aprisionado a tradição e aos valores de seu tempo. Portanto, o espírito livre é a contraposição ao tipo comum, é aquele que cultiva a solidão e seu espírito. “Todo homem seletivo procura instintivamente seu castelo e seu retiro, onde esteja a *salvo* do grande número, da maioria, da multidão; onde possa esquecer a regra “homem”, enquanto exceção a ela...(NIETZSCHE, 2005)”.

A filosofia do espírito livre, em concordância com Marton, é vista como uma tentativa de superação da moral, “... é preciso ousadia para abrir mão de antigas concepções, desistir de mundo hipotético, libertar-se de esperanças vãs. Enfim, é longo o processo para o espírito tornar-se livre (MARTON, 2000)”.

2. METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa em questão é: pesquisa bibliográfica, pois “é elaborada com base do material já publicado... as pesquisas referentes ao pensamento de determinado autor e as que se propõem a analisar posições diversas em relação a determinado assunto (GIL, 2010)”. Como fonte primária os textos do filósofo e secundária os textos dos comentadores, dos quais se destacam Scarlet Marton, Clademir Araldi, Vânia Azeredo, Michel Foucault, Jorge Salauarda, Eugen Fink, Gilvan Fogel, Antônio Edmilson Paschoal, Henry Burnett, Karl Löwith.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o presente momento podemos observar que há diferenças significativas nas formulações do espírito livre em *Humano Demasiado Humano* para as formulações tardias presentes em *Além do Bem e do Mal*. Em especial cabe destacar que no período tardio da filosofia nietzschiana, o conceito de espírito livre está ligado, também, a tarefa de criação de novos valores.

Verifica-se tal fato quando Nietzsche relaciona-os com filósofos do futuro, isto é, com os legisladores. Não obstante, é necessário distinguir os espíritos livres dos livres pensadores, sendo que estes últimos representam os ideais democráticos e modernos. Onde conceitos tais como: “direitos iguais” e “princípio de igualdade” encontram-se nos livres pensadores as bocas para sua salvaguarda. Já os espíritos livres, ou melhor, os espírito muito livres buscam o isolamento e a “boa solidão”. “Em última instância será como sempre é e como sempre foi: as grandes coisas ficam para os grandes, os abismos para os profundos, as branduras e os tremores para os sutis e, em resumo, as coisas raras para os raros (NIETZSCHE, 2010)”.

4. CONCLUSÕES

Conforme podemos observar, até agora, há uma constante reformulação no conceito de espírito livre no horizonte nietzschiano. Primeiramente a invenção do espírito livre serve como um consolo para a desilusão com seus antigos mestres, Wagner e Schopenhauer, marcado pelo “grande livramento” e uma “nova saúde”, é, também, um substituto para as elaborações dos tipos superiores de homens, a saber: o artista trágico e o gênio. Em *Além do Bem e do Mal*, e nos prefácios de 1886, em especial o feito para segunda edição de *Humano Demasiado Humano*, o espírito livre relaciona-se com a morte de Deus e com uma tentativa de superação da moral, sendo relacionado com os filósofos do futuro, ou seja, com a criação de novos valores.

Portanto, as formulações do espírito livre vão tornando-se cada vez mais críticas e densas, abarcando novos conceitos trabalhados pelo filósofo durante seu

desenvolvimento intelectual, todavia, é necessário frisar que a pesquisa em questão encontra-se em sua fase inicial, de tal sorte que os resultados até aqui obtidos são parciais e ainda passíveis de uma reelaboração

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARALDI, C.L. **NIILISMO, CRIAÇÃO, ANIQUILAMENTO Nietzsche e a filosofia dos extremos**, São Paulo, Editora Unijuí Discurso Editorial, 2004.

_____, **Karl Lowith e a posição da questão fundamental do pensamento nietzschiano**, Artigo elaborado a partir do seminário apresentado para disciplina, “Nietzsche, uma leitura crítica de Assim falava Zaratustra”, doutorado em Filosofia da USP, 2000.

BURNETT, H. **Humano, demasiado humano, livro 1 Nice, primavera de 1886**. In: Cadernos Nietzsche, São Paulo, n.8, 2000, p. 55-88.

_____, **Cinco prefácios para cinco livros escritos**, Belo Horizonte. Tessitura, 2008.

FINK, E. **A filosofia de Nietzsche**. Lisboa, Editorial Presença, 1988.

FRANK, D. **As mortes de Deus**, in Cadernos Nietzsche 19, Editora Unijui. 2005, p. 7-42.

LEFRANC, J. **Compreender Nietzsche**. Petrópolis, Editora vozes, 2003.

MARTON, Scarlett, **Extravagâncias**. Juí, (Unijuí) Discurso Editorial, 2000.

_____, **A obra feita e a obra por fazer**. (Tese de livre docente apresentada ao Departamento da Filosofia da USP), São Paulo 1998.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência**. São Paulo, Companhia de bolso, 2009.

_____, **Além do bem e do mal**. São Paulo, Companhia de bolso, 2005.

_____, **Assim Falou Zaratustra**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

_____, _____, **Ecce Homo**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____, **Genealogia da Moral**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009

_____, **Humano demasiado humano**. São Paulo, Companhia de bolso, 2009.